

CHANCE: O EREMITA PÓS-MODERNO EM UM JARDIM DE IDENTIDADES

Educação, Linguagem e Memória

Leandro De Bona Dias
Gladir da Silva Cabral

Introdução

A partir das inquietações trazidas pelos Estudos Culturais, em especial no que diz respeito aos temas ligados à investigação do sujeito pós-moderno e a sua relação com a construção, negação e negociação de sua(s) identidade(s), é que nasceu a ideia deste estudo. Aliado a isso, a leitura do livro **O vidiota**, do escritor polonês Jerzy Kosinski, despertou em mim o interesse pela figura central do romance, Chance, uma personagem que, logo à primeira vista, parecia personificar alguns dos temas centrais que emergem dos estudos da identidade do ponto de vista teórico aqui adotado. Além disso, o título do livro em português, que adjetiva de forma negativa o protagonista, também me pareceu digno de uma refutação. Desse modo, o estudo aqui feito irá se debruçar sobre o romance, analisando a personagem principal e a sua relação com alguns dos temas ligados ao conceito de identidade cultural, buscando assim revelar que o jardineiro descrito no livro não é uma personagem alienada (o vidiota). O título original é: *Being There*.

Para tanto, o percurso investigativo deste estudo se inicia com uma breve perspectiva acerca do conceito de identidade, levando em conta os descentramentos que, de acordo com a perspectiva dos Estudos Culturais, desvelaram o sujeito pós-moderno, e buscando analisar Chance como uma metáfora do sujeito fruto desses descentramentos. Em seguida, veremos a importância da diferença e da representação na construção das identidades, verificando como a personagem Chance lida com tais questões, e também analisando as relações de poder que estão inseridas neste jogo de aceitação e negação de identidades, comprovando assim que a personagem de Kosinski se afasta da ideia de uma pessoa alienada como o título do livro em nossa língua sugere.

Uma metáfora da passagem do sujeito unificado ao pós-moderno

A ideia de uma identidade única, tão cara à modernidade, foi sendo, aos poucos, desbancada pela perspectiva do sujeito contemporâneo dono de uma identidade agora fragmentada, deslocada. Um dos autores que corrobora essa ideia é o jamaicano Stuart Hall, um dos fundadores dos Estudos Culturais, segundo o qual

Aquelas pessoas que sustentam que as identidades modernas estão sendo fragmentadas argumentam que o que aconteceu à concepção de sujeito moderno, na modernidade tardia, não foi simplesmente sua desagregação, mas seu deslocamento. Elas descrevem esse deslocamento através de uma série de rupturas nos discursos do conhecimento moderno. (HALL, 2014, p. 22)

Ainda segundo Hall (2014), há três importantes concepções de identidade desenvolvidas ao longo da modernidade: a *iluminista*, a *sociológica* e a *pós-moderna*. Tanto a primeira como a segunda entendem haver para cada sujeito uma identidade única e racional, mutável ou não, sendo esta a principal diferença entre elas e a concepção que adoto aqui, a do sujeito pós-moderno ou, como Hall prefere chamar, o sujeito da modernidade tardia. Nela, a identidade não é tida como única, estável, mas sim como fragmentada, instável, em constante (re)construção.

Levando isso em conta, podemos entender a personagem Chance como o sujeito em transição que é forçado a abandonar a segurança do jardim e do quarto em que habitava, locais onde tudo parecia estável e seguro. No caso dele, a sensação de segurança parte do não-confronto com o “outro”, da comodidade da qual, assim como os sujeitos anteriores ao pós-moderno, desfrutava até o momento em que, após a morte de seu benfeitor, ele tem de abandonar a casa em que mora. Ali, entre as plantas do jardim e a secura do quarto, Chance sabia exatamente que funções desempenhar, como agir, e isso lhe garantia uma ideia de si mesmo, conferia-lhe uma identidade “sua”. Fora de casa, ele terá de encarar novos ambientes e pessoas, e é na relação com elas que irá nos mostrar os seus deslocamentos e a fragmentação de seu “eu”, que

sofre uma ruptura tal qual a sua perna ao ser atingida por um carro logo que pisa na rua pela primeira vez, revelando que a esta transição nenhum de nós passará incólume.

Um exemplo que comprova a consciência de Chance a respeito de sua condição pode ser observado no trecho abaixo, quando o autor vaga pelo pensamento da personagem principal:

Enquanto não se olhava para as pessoas, elas não existiam. Começavam a existir, como na TV, quando alguém lhes dirigia o olhar. Só então permaneciam na mente desse alguém, antes de serem apagadas por novas imagens. O mesmo era verdade em relação a ele. Olhando-o, os outros poderiam iluminá-lo, expô-lo e revelá-lo; não ser visto equivalia a tornar-se indistinto e desaparecer. Talvez ele estivesse perdendo muito porque apenas via os outros na TV, sem querer ser visto por eles. Sentia-se contente porque agora, depois da morte do Velho, seria visto por pessoas que nunca o tinham visto antes. (KOSINSKI, 2005, p. 15-16)

Chance compreende que *os olhos da gente* é que fazem as pessoas existirem. Ser visto equivale a existir, e seguindo essa máxima, ele próprio sente a necessidade de ser visto para que possa ser guardado na memória de um outro. É importante pontuar a ideia da personagem com relação a esse olhar, que é para ele redentor, capaz de torná-lo claro, de desdobrá-lo como que em uma espécie de anatomia em busca de sua identidade “verdadeira”. Ora, como vimos acima, o encontro dessa reclamada essência é impossível, assim sendo o olhar que Chance procura no outro é um olhar que será capaz de mostrar a ele, por meio deste *expô-lo, revelá-lo*, muito mais a possibilidade de pontos de identificação e o desempenho de identidades, antes negadas pela ausência do outro, do que o encontro de uma identidade fixa, única. A escolha de Chance, entenda-se negociação, por se manter quase incógnito durante toda a sua vida era uma garantia de segurança, assumir outra identidade, outro papel social, poderia ser arriscado. Essa consciência da personagem corrobora o conceito de identidade tal como posto por Hall (2014, p.11-12), para quem

[...] o sujeito pós-moderno [é] conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. [Assim sendo] A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (HALL, 1987). É definida historicamente, e

não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente.

Entendido assim, a personagem de Chance pode ser concebida como uma metáfora da transição do sujeito que desempenhava uma identidade falsamente única e estável, proporcionada pela ausência do olhar do outro, para o sujeito pós-moderno, cercado de possibilidades de indentificação e capaz de desempenhar identidades diferentes, negociando-as de acordo com as situações que lhe são apresentadas. Se antes a personagem de Kosinski julgava ter uma identidade única e estável, isso era apenas o fruto de uma ilusão, pois, segundo Hall (2014, p. 12), “se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda história sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do ‘eu’”.

O jogo das identidades: diferença, poder e representação

Como já vimos, as identidades não são frutos da natureza, ou seja, não existem em essência, mas sim como resultados de atos de criação linguística. Como criaturas da linguagem e, por isso, do mundo social e cultural, as identidades precisam ser produzidas e, para que consigam atuar, necessitam de um contraponto, e é aí que entra a diferença. A identidade só pode ser concebida quando relacionada com a diferença, sendo possível apenas indicar a “minha” identidade quando a coloco em confronto com outras que reconheço como não minhas. Entendido isso, podemos compreender melhor agora a ideia de que todos desempenhamos papéis sociais, ou seja, ao nos relacionarmos com o mundo a nossa volta, estamos desempenhando diferentes identidades em diferentes contextos. Na concepção pós-moderna, esses diferentes papéis sociais tornam a identidade um “manto leve pronto a ser despido a qualquer momento” (BAUMAN, 2005, p. 37). Outra característica que podemos conferir às identidades é o poder, pois há identidades de menor e de maior prestígio, o que poderá levar o sujeito a almejar certas identidades e a rejeitar outras. Com relação a isso, Silva (2005, p. 81-82) nos diz que

A identidade, tal como a diferença, é uma relação social. Isso significa que sua definição – discursiva e linguística – está sujeita a vetores de força, a relações de poder. Elas não são simplesmente definidas; elas são impostas. Elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas. [...] A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e de excluir. Como vimos, dizer “o que somos” significa também dizer “o que não somos”.

Assim, a afirmação de uma identidade é a negação de outra(s), o que comprova a ideia de que a identidade é concebida dialógicamente. Vejamos a cena abaixo, na qual dois advogados pedem a Chance para que leia e assine um papel:

Chance recebeu o papel. Segurou-o com ambas as mãos, examinou-o. Tentou calcular o tempo necessário para ler uma página. Na TV, o tempo que as pessoas levavam para ler documentos legais variava. Chance sabia que não devia revelar que era incapaz de ler e escrever. Nos programas de TV, as pessoas que não sabiam ler ou escrever eram o alvo de freqüentes [sic] caçoadas e zombarias. Adotou uma expressão concentrada, franzindo o cenho, carrancudo, segurando o queixo entre o polegar e o indicador.

- Não posso assinar. [...] Não posso assinar. Só isso. (KOSINSKI, 2005, p. 22-23)

Aqui, o protagonista põe em prática a sua “personagem”, atuando conforme os programas de televisão que assiste, escolhendo cuidadosamente a identidade que irá desempenhar naquele momento e, ao fazer sua escolha, que nunca é somente “sua”, considera o estigma que a sociedade constrói acerca da identidade do analfabeto. Novamente, é o “outro” o responsável por balisá-lo quanto à identidade a ser posta em performance. Chance não pode correr o risco de que lhe seja conferida uma identidade estigmatizada socialmente, o analfabeto, e, portanto, assume um semblante de concentração, finge ler a página e responde de forma sucinta que não pode assinar. Só é possível a ele atuar desse modo porque entende que esses seriam os gestos de uma pessoa alfabetizada diante de tal situação, tornando-se óbvio que o jardineiro já havia assistido a uma cena semelhante em seu aparelho de TV. Vemos, portanto, um sujeito capaz de decidir a melhor forma de atuar em determinada situação, negociando com as identidades a ele disponibilizadas pela sociedade, e entendendo ainda as fortes relações de poder que permeiam

essas identidades e que só podem ser assim classificadas com base na diferença.

Como foi acima exposto, as identidades são criadas, avaliadas, e valoradas pelo mundo social e cultural por meio da linguagem e da representação. E aqui está outro importante conceito. Segundo Hall (2015), “a cultura é um sistema de representação [sendo a] representação [...] a maneira pela qual os significados são dados às coisas que são retratadas pelas imagens”¹ [tradução de Leandro De Bona Dias]. Entendida assim, a representação não figura como elemento abstrato, mas sim como marca material capaz de construir identidades e oferecê-las aos sujeitos, uma vez que ela “[...] é aqui, sempre marca ou traço visível, exterior” (SILVA, 2005, p. 91-92).

Aplicando esse conceito de representação à cena de Chance com os advogados, podemos concluir que o protagonista só pôde alcançar o intento de assumir a identidade de uma pessoa alfabetizada graças a algum filme ou seriado no qual uma cena semelhante lhe foi representada, tornando-o capaz de compreender quais os gestos necessários para se apossar de tal identidade, mesmo que por um breve momento.

Considerações Finais

Com a análise aqui feita, podemos ver como a sensação de uma identidade única, experimentada por Chance durante as primeiras páginas do livro, era fruto, como lembra Bauman (2005), de uma confortável história que o jardineiro cultivava a cerca de si mesmo. Ao deixar o jardim, Chance sofre uma fratura na perna, rompimento que representa a perda daquela sensação de unidade, ele está agora deslocado e, mais que isso, tem consciência deste deslocamento. A personagem de Kosinski torna-se, portanto, a metáfora desse sujeito pós-moderno apontado por Hall (2014) e que agora tem de desempenhar diferentes identidades.

Chance, portanto, não é um sujeito alienado (o vidiota), pelo contrário, ele se mostra atento defronte às novas situações que vivencia, calculando

¹ “Culture is a system of representation. [...] Representation is the way in which meaning is given to the things depicted.” (HALL, 2015)

constantemente qual identidade deve desempenhar e sempre as negociando tendo como base as representações que possui em seu repertório televisivo. Com isso, o jardineiro se torna capaz de assumir e negar identidades, bem como ser alvo de outras que são a ele atribuídas, sempre em uma relação dialógica, tendo também que considerar o peso de cada uma delas, uma vez que estão todas cercadas por relações de poder (SILVA, 2005). Chance está agora diante de um jardim muito mais prolífero, onde brotam a todo momento novas identidades, enquanto antigas se renovam ou se perpetuam, e se, como afirma Bakhtin (CLARK, HOULQUIST, 2008, p. 90) “não temos alíbi na existência”, não é mais dado a Chance o direito de apenas “estar lá”.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CLARK, Katerina; HOULQUIST, Michael. **Mikhail Bakhtin**. Cambridge, Mass: Perspectiva, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

HALL, Stuart. **Representation & Media**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6sbYyw1mPdQ>. Acesso em fevereiro de 2015.

KOSINSKI, Jerzy. **O idiota**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.